

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

RAIMUNDO FRANCISCO GUTTERRES NUNES

**TRAJETÓRIA DE INDIVÍDUOS EM UMA GUERRA MUNDIAL: o pracinha brasileiro
João Pedro Paz e a jovem italiana Iole Trédice nos dois lados do atlântico.**

PORTO ALEGRE

2021

RAIMUNDO FRANCISCO GUTTERRES NUNES

**TRAJETÓRIA DE INDIVÍDUOS EM UMA GUERRA MUNDIAL: o pracinha brasileiro
João Pedro Paz e a jovem italiana Iole Trédice nos dois lados do atlântico.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Regina Weber

PORTO ALEGRE

2021

RAIMUNDO FRANCISCO GUTTERRES NUNES

**TRAJETÓRIA DE INDIVÍDUOS EM UMA GUERRA MUNDIAL: o pracinha brasileiro
João Pedro Paz e a jovem italiana Iole Trédice nos dois lados do atlântico.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Regina Weber

BANCA EXAMINADORA:

Carla Brandalise – Departamento de História (UFRGS)

Guilherme Nicolini Pires Masi (E.E.E. Fs/RS)

PORTO ALEGRE

2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Professora Regina Weber pela participação decisiva durante o curso, pelas aulas ministradas e, de maneira muito especial e determinante, pela orientação durante a elaboração deste trabalho de conclusão de curso, sem a qual teria sido impossível atingir o objetivo proposto. Meu reconhecimento pelos conhecimentos transmitidos e pelo comprometimento como “mestre”, na acepção da palavra.

RESUMO

O objetivo deste estudo é investigar de que maneira questões de patriotismo/nacionalismo, gênero e identidade moldaram a trajetória de um casal, constituído por um ex-combatente brasileiro na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial, e sua esposa italiana, após o final do conflito. A pesquisa observa, portanto, o movimento de dois indivíduos ante circunstâncias históricas mais amplas.

Palavras-chave: Patriotismo. Nacionalismo. Gênero. Identidade. Pracinhas.

ABSTRACT

The aim of this study is to investigate how issues of patriotism/nationalism, gender and identity shaped the trajectory of a couple, consisting of a Brazilian ex-combatant in Italy, during World War II, and his Italian wife, after the end of the conflict. Therefore, the research observes the movement of two individuals before broader historical circumstances.

Keywords: Patriotism. Nationalism. Gender. Identity. Soldier's.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 OBJETIVOS	10
1.2 JUSTIFICATIVA.....	10
1.3 REFERENCIAIS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	12
1.3.1 Patriotismo/Nacionalismo	13
1.3.2 Gênero	15
1.3.3 Agência e memória.....	16
1.4 FONTES.....	18
1.5 CONTEXTO HISTÓRICO: A ENTRADA DO BRASIL NO CONFLITO.....	20
2 O CASAL UNIDO PELA GUERRA E SUA MEMÓRIA	29
2.1 O RETORNO	29
2.2 JOÃO PEDRO E IOLE	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

O Brasil, no início da década de 1940, enviou para o campo de batalha da Segunda Guerra Mundial, no teatro de operações da República Socialista da Itália, um total de 25.334 militares, divididos em cinco contingentes de aproximadamente cinco mil soldados e oficiais, em sua maioria voluntários (MORAES, 1984). Este grupo, formado majoritariamente por homens, era composto, também, por 67 enfermeiras voluntárias para tratar dos feridos em combate (BERNARDES; LOPES, 2006).

Em 1942, ao tornar-se um dos países aliados no conflito da Segunda Guerra Mundial, o Brasil criou uma força militar diferenciada e especial, a Força Expedicionária Brasileira (FEB). Na oportunidade, foram convocadas enfermeiras brasileiras voluntárias, com formação profissional diferenciada.

Diversos e significativos foram os fatores que desencadearam esse evento mundial. Um deles tornou-se emblemático para a generalização do conflito, merecendo destaque por ter sido considerado extremamente grave para o povo norte-americano. O ataque japonês a Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941, nas ilhas do Havaí e, por extensão ao continente americano, tornou a guerra mundial (BERNARDES; LOPES, 2006). No Brasil, o momento político da Era Vargas (1930-1945) é o marco temporal onde aconteceram os fatos retratados neste estudo.

O país permaneceu neutro durante o período inicial do conflito, sofrendo pressões internas e externas para se definir, devido à sua posição geográfica estratégica e atuação no cenário internacional. Sua posição era importante para o desenrolar do conflito em todos os teatros de operações. O afastamento entre o Brasil e a Alemanha, antes parceiros, tornou-se inevitável, a partir de uma aproximação com os Estados Unidos da América. A forte pressão popular nacional, que sucedeu os ataques a navios brasileiros e a definição do financiamento para implementação da Companhia Siderúrgica Nacional, levou o Brasil a participar da Segunda Guerra Mundial, agora com o envio de tropas. Estes acontecimentos e seus desdobramentos serão tratados com mais detalhes no item 1.5.

A necessidade de criação de um Quadro de Enfermeiras para atuar no cenário da guerra, juntamente com o efetivo da FEB, se deu em função de uma solicitação dos aliados norte-americanos já que: “[...] as [enfermeiras] americanas já estavam sobrecarregadas de serviços, além do mais não falavam a língua dos futuros pacientes [brasileiros] [...]” (BERNARDES; LOPES, 2006). Posteriormente, houve o empenho do governo brasileiro de implementar, em caráter de urgência, a busca de voluntárias, de modo a atender à solicitação de um grupo hegemônico militar estrangeiro. Neste contexto histórico marcante para a humanidade, as

enfermeiras ousaram e entraram para o Exército Brasileiro, seguindo para o conflito mundial, inseridas na FEB. Nesta Força, foram para a Itália cento e oitenta e seis profissionais de saúde, entre eles, sessenta e sete enfermeiras do Exército (BERNARDES; LOPES, 2006).

Este estudo, propõe-se a pesquisar sobre a história de vida de um dos 25.334 soldados, citando as incertezas, dificuldades, expectativas, temores e, sobretudo, seu relacionamento com uma moça italiana, sua futura esposa, também personagem da pesquisa. A condução do trabalho pressupõe uma análise sobre várias questões amplas como patriotismo/nacionalismo, guerra, e, por outro lado, questões de gênero e identitárias relativas ao casal Paz, formado por João Pedro Paz e sua esposa Iole Trédice.

Também serão abordadas questões circunstanciais como o retorno desacompanhado de João Pedro ao Brasil, e o fato de a senhora Iole Trédice não ter integrado o grupo de “noivas” trazido ao Brasil no final de 1945, no navio Pedro II (PELLEGRINO FERES, 2018), as quais vieram resolutamente buscar o encontro de seus namorados/noivos/maridos em território nacional. Esta questão se coloca porque teria abreviado sua vinda ao Brasil em mais de um ano. O traslado já redundou no trabalho “Amor em Tempo de Guerra e a Imigração de 58 esposas para o Brasil” e embasa a indagação acima (PELLEGRINO FERES, 2018).

O problema de pesquisa é observar o movimento individual ante circunstâncias históricas mais amplas. Dois personagens encontram-se porque havia uma guerra mundial ocorrendo no solo europeu, pelos desdobramentos, estendida ao mundo, envolvendo também indivíduos das Américas. Uma guerra e, sobretudo, uma guerra mundial, é um evento da macropolítica, onde os personagens principais são estados beligerantes dotados de equipamentos bélicos e que também mobilizam vidas humanas de diferentes lugares. Neste cenário, indivíduos são elos frágeis, mas não são inertes. Este trabalho, justamente, pretende mostrar indivíduos que tomam decisões fazendo escolhas, tornando-se, portanto, agentes. Em se tratando de um casal formado por um homem e uma mulher, questões que chamamos de “gênero” permearam a trajetória de ambos e serão aqui consideradas. Voltar-se-á a estes temas em um tópico adiante.

Este TCC é composto, basicamente, por dois capítulos. O primeiro, esta Introdução, reúne vários segmentos indispensáveis para a compreensão do objeto de estudo. O capítulo 2 é o central deste TCC, onde os personagens estudados são apresentados em contextos históricos diferentes.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Investigar de que maneira questões de patriotismo/nacionalismo, gênero e identidade moldaram a trajetória de um casal, constituído por um ex-combatente brasileiro na Itália durante a Segunda Guerra Mundial e sua esposa italiana, após o final do conflito.

1.1.2 Objetivos específicos

- a) conhecer como se deu a ação do Brasil na guerra, com a participação dos pracinhas;
- b) identificar as imposições vinculadas ao patriotismo/nacionalismo na hierarquia militar que fizeram com que o combatente brasileiro (João Pedro Paz) tivesse retornado, deixando sua namorada na Itália;
- c) identificar as circunstâncias que levaram a namorada italiana a não ter acompanhado as passageiras do navio que trouxe as noivas da guerra para o Brasil.

1.2 JUSTIFICATIVA

Há longo tempo interesse-me sobre o tema, possuindo extensa bibliografia, tanto da participação brasileira como do conflito mundial. A busca de conhecimento, e a curiosidade, levaram-me a realizar visitas a museus, viagens internacionais e participação em eventos. Essas fizeram-me conhecido no meio daqueles que têm interesse pela Segunda Guerra e pelos pracinhas, permitindo o aprofundamento do tema, razão de ser convidado frequentemente para participar de cerimônias e comemorações relativas ao assunto, oportunidades nas quais aumentei minha rede de contatos, recebi equipamentos relativos à guerra e ampliei meu acervo.

À título de curiosidade, manifesto que possuo um veículo militar, Jeep, ano 1942 que, tudo indica, participou do conflito, visto ser o exemplar de número 59.914, dos 653.568 produzidos no período. O adquiri de uma pessoa próxima a família. Mesmo com esforços dispendidos, não obtive êxito na busca de seus caminhos durante a guerra, podendo registrar que, pelo ano de fabricação e pela numeração sequencial do chassi, foi localizada a data de fabricação em agosto de 1942. Isso, o coloca entre os 10% produzidos inicialmente, razão de deduzir a participação no conflito. Desde a aquisição, ocorrida em 2013, dedico-me a sua preservação nos parâmetros da época em que foi fabricado, pela Ford Motors Company, nos

Estados Unidos. Ao final da participação brasileira na guerra, o Brasil recebeu aproximadamente 600 Jeep's, dos fabricados entre 1942 e 1945. Pelo ano de fabricação e pelo número de série, atribuo que o meu é um desses. Recentemente, em um trabalho de manutenção, localizei um resquício de pintura remanescente à época e, pela cor, deduzo que o meu Jeep tenha prestado serviços à força aérea. O site Zheit¹ detalha o processo de projeto, escolha, produção e utilização do Jeep durante o período, bem como de sua contribuição durante a guerra.

Nesses usuais e rotineiros encontros, conheci a todos os veteranos da FEB, remanescentes em Porto Alegre, oportunidades em que me aproximei e conheci o Sr. João Pedro Paz e sua esposa Sr.^a Iole Trédice. Nos contatos mantidos com ambos, relataram-me seu encontro, as alegrias, os revezes, as ajudas recebidas, os temores, a felicidade do reencontro em 1946, o pesar pela perda do filho gerado na Itália, em um acidente com a idade de 12 anos, o nascimento da filha Ana Maria, a história de vida construída.

Os militares com os quais convivíamos, rotineiramente, nos encontros e a família, notificaram-me do falecimento do Sr. João Pedro Paz, em 16 de setembro de 2020. Mesmo com o quadro pandêmico pelo qual passávamos e passamos, compareci às últimas homenagens prestadas no dia 17 de setembro de 2020, no cemitério São Miguel e Almas de Porto Alegre.

Atualmente, há poucos remanescentes dos pracinhas (5 em Porto Alegre), todos com idade superior a 95 anos. Eles vinham sendo homenageados, semanalmente, pelo Comando Militar do Sul², sediado em Porto Alegre, na busca de lembrar o tempo passado, valorizá-los por suas ações e ante seus familiares, minorando os efeitos das infelizes providências tomadas pelo governo brasileiro imediatamente no retorno da Itália, sobre as quais será tratado adiante. Nesses encontros, compareço como convidado desde o ano de 2015, quando ainda eram realizados no casarão da FEB, na av. João Pessoa, em frente a praça da Redenção.

À época, fui convidado pelo General Antônio Hamilton Mourão, então Comandante Militar do Sul e hoje Vice-presidente da República. Comemorava-se os setenta anos do final da guerra. Na oportunidade, eu havia levado livros sobre a participação da FEB na campanha da Itália e, neles colhi o autógrafo de vários ex-combatentes presentes. Recordo-me que presenteei o General Mourão com uma gravação em áudio, realizada durante a guerra, pela BBC, copiada em um DVD, quando soldados brasileiros cantavam o hino nacional em Pisa, no ano de 1945, sob bombardeio. Nesse mesmo encontro, conheci o casal Paz. A partir daí, por iniciativa do Sr.

¹ Zheit. Web Page. Murilo Hubert, Juliana H. Hubert (Ed.). Curitiba (PR). Disponível em: www.zheit.com.br/post/história-de-guerra-o-jipe. Acesso em: 23 ago. 2021.

² O Comando Militar Sul corresponde ao setor do Exército que abrange os três estados da Região Sul do país.

João Pedro Paz, da Sr.^a Iole Trédice, e de seu “fiel escudeiro”, Gilberto, passei a ser convidado e participei rotineiramente dos encontros até dezembro de 2020, o que contribuiu para aumentar meu interesse pelo tema.

Os encontros ocorrem todas às quartas-feiras (à exceção do período pandêmico), às doze horas, oportunidades nas quais são citados feitos recentes da associação de veteranos, como participação em homenagens e desfiles, também é relatada a situação de saúde dos veteranos, e, ao final, servido um almoço pelo rancho de um quartel próximo. Até dezembro de 2020, esse almoço não era cobrado dos participantes. Em novembro de 2021, foram retomadas as homenagens, agora com periodicidade mensal, oportunidade na qual participaram todos os remanescentes, militares, familiares e convidados, perfazendo um número aproximado de 100 pessoas. A partir do recomeço, o módico custo dos almoços foi absorvido pelos participantes.

1.3 REFERENCIAIS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

É necessário, inicialmente, repassar algumas obras que tratam do tema dos soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial.

A obra de Ferraz “A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da força expedicionária brasileira (1945-2000)”, editada em 2003, sintetiza o ciclo completo entre o pré-guerra e os dias atuais e faz um apelo, como será visto. Segundo o autor, a história da Segunda Guerra Mundial, no âmbito internacional, foi pródiga na geração de conteúdos que remontaram a pesquisa histórica gerando extensa bibliografia. Essa, desde o final da guerra, foi utilizada pela indústria cinematográfica para a produção de filmes que enaltecem no mais das vezes os feitos do lado vencedor, incutindo na população uma imagem épica, gloriosa e heroica dos militares e das batalhas, gerando orgulho e, por extensão, dando conhecimento dos fatos reais ou romanceados retratados nas películas.

Em caminho diverso, no Brasil, a participação na Segunda Guerra Mundial, tem sido relegada a um plano secundário, no mais das vezes omitida (quando não deturpada), levando a um quase esquecimento. Ferraz (2015), relata a profusão de historiografia sobre a História Militar Brasileira, bem como o ostracismo a que foi relegada a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial. O meio acadêmico, avesso às forças armadas a partir dos eventos e desdobramentos de 1964, ao se omitir passou a contribuir para que essa importante época da história brasileira fosse relegada ao esquecimento. O autor classifica os ex-combatentes como “uma categoria social em vias de extinção pela marcha inexorável do tempo, e que tem plena consciência dessa condição” (FERRAZ, 2015, p. 24).

Meu interesse pelo tema, além de latente, se viu reforçado e, praticamente, considerei-me intimado pelo autor que vaticina: “Pesquisas que recuperem as experiências dos ex-combatentes ‘anônimos’ ainda estão para ser realizadas. (...) em face da redução crescente dos ex-combatentes vivos, essa é uma tarefa urgente” (FERRAZ, 2015, p. 34). Espero ter atendido ao chamamento, mesmo que parcialmente, com meu humilde trabalho.

O trabalho de Ianko Bett “Do registro de memória ao objeto musealizado: uma análise dos usos de um diário de guerra de um combatente da Força Expedicionária Brasileira – FEB”, foi possível porque Elisabeth e Elaine D’Avila, filhas do militar, ex-combatente e oficial Sólton Rodrigues D’Avila, preocupadas com a preservação do diário, caderneta, documentos e lauréis, relativos às memórias de seu pai, abrem mão do acervo, permitindo sua musealização e a consequente preservação, bem como o conhecimento público de fatos de um passado que, em resumo, é de todos nós.

Segundo Bett (2017), os acervos pessoais remontam às experiências vivenciadas materializadas. Essas, normalmente não sobrevivem ao agente dos fatos, pois as preservou por ser o sujeito da memória e nela revive seu passado, normalmente pelas glórias ou pelos dissabores. Também lidamos com memórias familiares e contamos com as suas informações, além dos personagens principais dessa pesquisa.

Guilherme Masi (2020), baseando-se na obra de Ferraz, faz alusão ao descaso com que o meio acadêmico ignorou ou obscureceu os feitos dos pracinhas nos campos de batalha da Europa. Identifica que as universidades se afastam do tema, como uma reação a algo que possa enaltecer os militares. Nos últimos anos, a historiografia tem procurado recuperar o tempo perdido gerando aumento substancial na produção de conteúdo, embora, pelo tempo decorrido e pela voraz redução do número de testemunhos, muito distante dos fatos.

Alia-se ao ostracismo perpetrado pelas autoridades, gerador de um quase total desconhecimento da população, a produção historiográfica negativa de determinado período, essa responsável pela disseminação de conteúdos antagônicos com as experiências retratadas por nossos ex-combatentes (MASI, 2020).

Existem muitas obras memorialísticas sobre os pracinhas, cuja análise excede os objetivos deste trabalho.

1.3.1 Patriotismo/Nacionalismo

As guerras modernas são realizadas entre estados-nações. O aporte do tema do

nacionalismo e do patriotismo é importante para este trabalho, pois está relacionado aos fatores que levam à mobilização de indivíduos comuns, como os soldados.

Paralelo à constituição da identidade nacional está o nacionalismo, que serviria como o alicerce ideológico na constituição da identidade nacional, tendo como fundamento garantir que a população de uma nação se conceba como um povo diferenciado. O nacionalismo é uma ideologia da modernidade (ANDERSON, 2008), de difícil significação.

Correto dizer que o surgimento do estado-nação foi possível graças às invenções relacionadas à modernidade, como também a globalização, especialmente a ocorrida no século XIX. O nacionalismo, como consequência desse processo, permite que as pessoas se sintam imortais, pela continuidade da existência do estado-nação ao qual estão vinculadas, compreendida como *perene*.

Em caminho diverso ao nacionalismo, o patriotismo relaciona-se a uma sensação de lealdade relativa à nação, muitas vezes sendo reputado com o mesmo sentido. Contudo, patriotismo traz a ideia de preservação, de proteção e, por extensão, de perpetuação. O dever intrínseco à nação exacerba em uma questão moral, permitindo, em seus desdobramentos, até o sacrifício extremado de oferecer a própria vida em prol da causa nacional. O patriota ama sua nação, diferente do nacionalismo que se forma a partir de crenças embasadas em unicidade étnica e valores culturais interrelacionados. Resumindo, o patriotismo manifesta-se pela relação de amor à pátria, na busca do bem-estar de todos e da liberdade, enquanto o nacionalismo manifesta-se como uma ideologia basilar para a constituição cultural da nação, podendo trazer em seu bojo uma ideia de supremacia em relação às demais nações e/ou nacionalidades (LEITE *et al.*, 2018).

A mobilização para guerras, contemporaneamente, está ligada aos modernos estados-nações e implica a promoção exaltada dos ideais de nacionalidade e a ativação de sentimentos nacionalistas. Considerando-se o nacionalismo como a consciência de nação, por vezes exacerbada, onde são expressas a existência de certas características comuns em uma comunidade, por vezes confundindo-se com o patriotismo, tratados detalhadamente no texto “Nacionalismo, Patriotismo e Essencialismo na construção da identidade nacional brasileira”.

No contexto desta pesquisa, o militar brasileiro João Pedro Paz, voluntaria-se para, partindo para o além-mar, representar e desagrar o país no confronto e contrapor-se a afronta que outras nações, agressivamente, impuseram aos seus nacionais (ataque e/ou afundamento de mais de 30 navios brasileiros com a perda de mais de 1.000 vidas). Considerando-se o patriotismo como a prática da lealdade, amor devotado, identificação, apoio ou defesa de um determinado país, esta pesquisa busca expressar os valores pátrios vivenciados por um jovem

brasileiro voluntariando-se para, há 78 anos, singrar o Oceano Atlântico, arriscando sua vida para defender a pátria. Nas escarpas da República Socialista da Itália, colocou sua vida em risco pela pátria e, de um modo paralelo, extrapolando suas funções de soldado, construiu seu futuro.

A identidade nacional brasileira, ultimamente, tem despertado maior interesse, face a uma maior participação do país em termos globais. O tema tem atingido relevância atualmente, por ser considerado um desafio social. Esta baseia-se na sensação de pertencimento a determinado grupo, no caso, um país, remontando a ideia de comunidade política, em resumo aderindo a uma comunidade imaginada, da qual seus membros se valoram como pertencentes. Uma de suas características é poder ser considerada como um desdobramento da revolução industrial, marco que permitiu a conformação de fronteiras e a conseqüente interrelação entre os componentes. Papel preponderante tiveram os conflitos internos, materializando o conceito de identidade nacional a partir da formação de uma coesão de interesses intrínsecos. O estabelecimento de um território nacional passou a legitimar o conceito de pertencimento à nação e a sua causa em detrimento das outras nações e das suas causas. A legitimação de sua qualidade de nacional, dá-se quando o indivíduo interrelaciona-se com nacionais de outras nações.

No seu estudo, especificamente voltado para o discurso estadonovista, Sandra Leidens (1994) demonstra que:

A meta principal do nacionalismo determinava a identificação de todos os membros de uma sociedade que teriam destino comum, com raízes no passado, as quais emergiriam no presente para apontar a construção de um destino único. A coletividade histórica era intrínseca à vida da nação, entendida como um conjunto de valores morais constitutivos de um todo orgânico e que só teriam projeção por intermédio da ação do estado. O Estado era o receptáculo da moral, responsável pela manutenção da ordem e protetor da virtude cívica e da consciência imanente da coletividade.

1.3.2 Gênero

Conforme Scott (1990, p. 86), gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. Nesta pesquisa, as relações de gênero são permeadas pelo ambiente hostil no qual os protagonistas se conheceram, a destruição do pós-guerra, as dificuldades em obter elementos básicos para a subsistência.

Nos é claro que a figura de um soldado vencedor de um conflito daquela monta, propiciava uma aura de proteção física e garantias de inviolabilidade diante de jovens mulheres

de um país emergindo de uma guerra. Ou seja, o pano de fundo do conflito mundial influenciava o modo de relacionamento entre jovens pertencentes a países diferentes. Nesse quadro hostil, o incentivo à submissão feminina reinante à época, em um país quase medieval em muitas de suas regiões, unificado há menos de um quarto de século, deve ser considerado como balizador para a relação namorado x namorada e depois marido x mulher. Ao longo dos capítulos será retomada esta questão de gênero.

1.3.3 Agência e memória

Conforme Sztompka (1998), em suas análises da agência humana, o homem, desde os primórdios, provavelmente, questiona-se sobre as causas últimas dos eventos, buscando respostas sobre quais processos resultam no seu destino. A evolução na busca dessa resposta passou por vários degraus (mito, natureza, personalidades individuais) desaguando no último caractere evolutivo do conceito, quando chegou a todas as pessoas e, estas, em seu coletivo são vistas como donas das formas de agir para interferir no mundo que as cerca e, conseqüentemente, nas suas vidas.

Sociologicamente falando, agência é a capacidade dos indivíduos de agir independentemente e fazerem suas próprias escolhas livremente. Filosoficamente, é a capacidade do indivíduo de intervir no mundo. Vinculando-a ao assunto em tela, pode-se depreender que tanto o Sr. João Pedro Paz, como sua esposa, Sr.^a Iole Trédice, somente puderam ser agentes de suas vidas quando, após as agruras da separação na Itália e da longa espera, puderam reunir-se no Brasil.

A identidade nacional não é a única presente na história objeto do estudo. Há também a identidade de origem, que se manifesta quando os indivíduos emigram. A forma como a pessoa se identifica está relacionada a sua memória. Nos diversos contatos e manifestações mantidos com a Sr.^a Iole, chamou a atenção, por demais, nas suas manifestações, seu vínculo com seu país de origem (Itália), sua cidade (Pescia) e a região (Toscana). Seus olhos brilham e ela os cita como se fosse ontem que ali tivesse vivido. Transcorridos mais de 75 anos, seu vínculo identitário com sua origem é muito presente e atual.

Egiselda Brum Charão (2015), em seu trabalho “Mulheres italianas e trabalho em Porto Alegre (1945-1965): História de uma imigração esquecida”, detalha a vivência das italianas egressas do continente europeu no período pós-guerra. Traz ao conhecimento muitos aspectos das agruras, da viagem, da chegada a Porto Alegre e em capítulo dedicado à Sr.^a Iole Tredice,

reproduz tópicos de entrevista realizada, hoje compondo o acervo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Nessa entrevista, a Sr.^a Iole Trédice relata com a mesma sagacidade a nós transmitida, detalhes de sua infância, da guerra e do desenrolar de seu relacionamento com o Sr. João Pedro Paz. É pródiga em detalhes sobre aspectos da cidade, reforçando seu alheamento à macropolítica vigente no país e as características do regime fascista então vigente.

No mesmo trabalho são ouvidas outras migrantes, com enfoque na absorção delas ao mercado de trabalho e a nova vida em Porto Alegre. As lembranças dos episódios cristalizam uma “[...] memória pessoal que também é uma memória social, familiar e grupal mediada pela linguagem, que aproxima as lembranças do passado enquadradas pelo presente”. Ou seja, foram eventos presenciados não apenas por ela, mas também por outros que integravam seu espaço cotidiano. Nesse sentido, deve-se levar em conta o lugar que ela ocupava dentro do grupo social. A Sr.^a Iole recorda que foi nesse período que os soldados brasileiros chegaram à região (CHARÃO, 2015).

Foi na cidade de Pescia, em um baile no Cinema Garibaldi, que conheceu e se enamorou do combatente do exército brasileiro João Pedro Paz, integrante de um dos grupos que tinham ido para a Itália. O povoado ainda vivia as consequências das mortes ocorridas durante a ocupação dos alemães na província de Arezzo, também localizada na Toscana.

A história da presença brasileira na Segunda Guerra Mundial é uma narrativa partilhada por muitas pessoas, sendo, portanto, uma memória coletiva. Pollak (1989, p. 5) em seu texto “Memória e Identidade Social” mostra a articulação entre memória e identidade social:

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente (...), podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade, aqui, o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.

Esta pesquisa, bastante localizada, não deixa de contribuir para o que é chamado de história transnacional. Esta é um campo da história que analisa a forma como a evolução da história de um país foi moldada por acontecimentos fora do país (WEINSTEIN, 2013). No caso em tela, a história do casal Paz, formado por um brasileiro e uma italiana, tiveram suas histórias pessoais moldadas, ela em seu país e ele, em um país estrangeiro, para uma nova realidade.

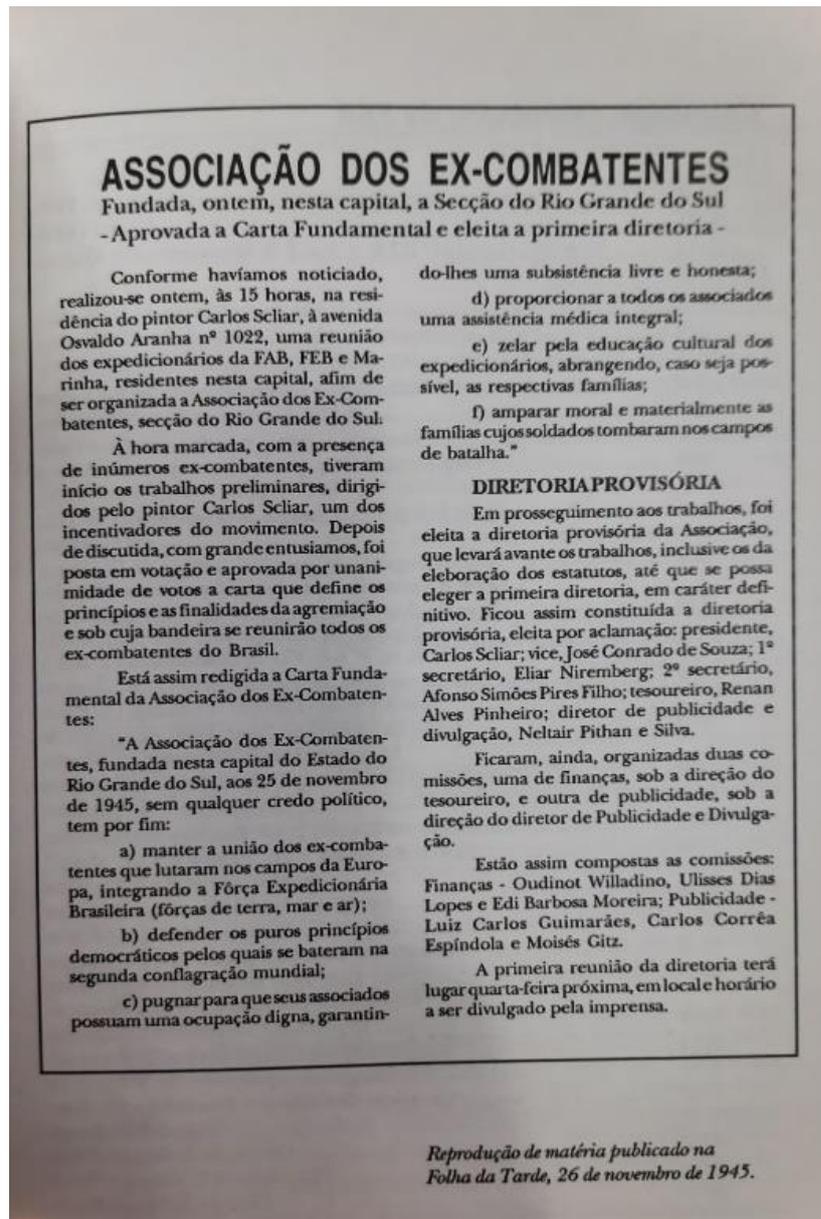
1.4 FONTES

Devido o tempo decorrido, os sujeitos remanescentes dessa história encontram-se, no momento da finalização deste TCC, com idade avançada, a maioria deles quase centenária. Recentemente, em setembro de 2020, faleceu o Sr. João Pedro Paz, um dos protagonistas do texto. Entre nós, a Sr.^a Iole Trédice continua como testemunha dos fatos vivenciados. Antes de falecer, o Sr. João Pedro concedeu entrevistas a diversos programas televisivos, aos quais este pesquisador teve acesso, as recebendo de suas mãos e as mantém em mídia digital, totalizando 4 horas e 38 minutos. Também em conversas informais, tivemos a oportunidade de ouvir seus relatos, com teor igual as gravações que dispomos. Com relação à Sr.^a Iole, no presente, com idade avançada, valemo-nos de gravações e entrevistas já realizadas para não a submeter ao desconforto de maçantes inquirições.

Nem todas as entrevistas pretendidas puderam ser realizadas, face a avançada idade e a consequente debilidade física dos agentes. Mesmo considerando que muitos depoimentos utilizados nesta pesquisa não foram realizados especificamente com essa finalidade, cabe trazer a colocação de Alberti (2005), sobre a história oral recente, a qual superou a visão de que “os relatos pessoais, as histórias de vida e as biografias não contribuíam para o conhecimento do passado, pois são subjetivos, muitas vezes distorcem os fatos e dificilmente seriam representativos de uma época ou de um grupo”.

Chamou a atenção, sobremaneira, o teor do texto “Amor em Tempo de Guerra e a Imigração de 58 Esposas para o Brasil”, de autoria de Cristina de Lourdes Pellegrino Feres, que analisa a ação dos Governos Brasileiro e Italiano para trazer ao Brasil, no chamado navio das noivas (Vapor Pedro II), 58 italianas, para unirem-se a soldados brasileiros, fruto do relacionamento em tempos de guerra. No último parágrafo na página 100, há a citação do pracinha Oldinot Wiladino, gaúcho de Bagé e uma referência sua levou à pesquisa de Feres. Ocorre que o pracinha Wiladino está vivo e é pessoa de relacionamento do pesquisador, tendo sido um dos Presidentes da Associação dos Veteranos da FEB de Porto Alegre. É importante ressaltar que a atual Associação é originária da Associação dos Ex-Combatentes, seção do Rio Grande do Sul, fundada em novembro de 1945, conforme Carta Fundamental constante na figura 1. Digna de nota é a participação na fundação do pracinha Oldinot Wiladino como fundador e membro da comissão de finanças. Atualmente, o pracinha, além da idade avançada, dedica-se integralmente aos cuidados à sua esposa, a qual passa por problemas sérios de saúde.

Figura 1 – Carta Fundamental da Associação dos Ex-Combatentes



Fonte: Reprodução de matéria publicado na Folha da Tarde, de 26 de novembro de 1945.

Após o regresso, os ex-combatentes organizaram-se em associações, com o objetivo de lutar pelos seus direitos e manter sua história viva. Já no ano de 1945, o embrião dessas entidades foi fundado com o nome de Associação dos Ex-combatentes do Brasil. Infiltrações político-ideológicas acabaram por criar um caminho diverso com a criação da ANVFEB, ainda hoje ativa em vários estados brasileiros, voltada exclusivamente para a congregação dos poucos remanescentes e a luta por seus direitos (RIBEIRO, 2013).

Nessa longa trajetória, o papel das associações tem-se revelado fundamental para a preservação da memória da FEB, em sua versão mais primordial: a dos ex-

combatentes. Num esforço de sobrevivência quase heroico, para resistir à morte de seus afiliados, as associações permanecem como redutos de resistência memorial e luta para aqueles que se reconhecem e se afirmam ex-combatentes da FEB (RIBEIRO, 2013)

Salienta-se que o pesquisador possui gravações de entrevistas do casal e de programas televisivos como: Programa Sílvio Santos no quadro “Em nome do Amor” de 1995 e “Tele domingo” da RBS TV dos anos 2000. O quadro “Em nome do Amor” era veiculado nas tardes de domingo no canal SBT, programa Sílvio Santos. Nele, histórias pitorescas ou extraordinárias eram apresentadas, enaltecendo os casais convidados.

Cabe ressaltar que o ano da apresentação do programa televisivo, coincide com o cinquentenário do final da guerra, período no qual a efeméride foi comemorada mundialmente. Também no Brasil, representou, além das comemorações, vitórias obtidas pelos pracinhas no campo dos benefícios sociais, esses efetivados a partir da promulgação da Constituição de 1988.

Também a letra da música “Mia Gioconda”, composta por Vicente Celestino em 1946, romanceia e sintetiza a história de vida do casal e, a análise de seus versos permitirá observar a repercussão da história de vida de ambos.

1.5 CONTEXTO HISTÓRICO: A ENTRADA DO BRASIL NO CONFLITO

A entrada do Brasil no conflito foi motivada por complexas negociações entre o Ministro de Relações Exteriores, Osvaldo Aranha, o embaixador brasileiro em Washington, e o presidente dos Estados Unidos da América (do Norte), Franklin D. Roosevelt. Em uma política de aproximação com os países da América Latina e, principalmente objetivando não permitir a interferência germânica no hemisfério, os aliados, mormente os Estados Unidos, implementaram uma política de boa vizinhança, consolidando o apoio no continente. Importante relatar que, mesmo envolvidos no conflito direta ou indiretamente – a exemplo na Batalha do Rio da Prata no Uruguai, o Brasil foi o único país latino-americano a enviar tropas para participar da guerra - ainda desejavam utilizar o território brasileiro, nas regiões norte e nordeste, para a implantação de bases aéreas que possibilitassem o envio de suprimentos para o norte da África, à época sob a ação do *Africakorps* (OLIVEIRA, 2015).

Foi deveras decisiva a participação da base aérea de Parnamirim em Natal, no Rio Grande do Norte, à época, o aeródromo mais movimentado por forças norte americanas no mundo, fora de seu território. Assim, Natal foi merecedora da alcunha de “trampolim da

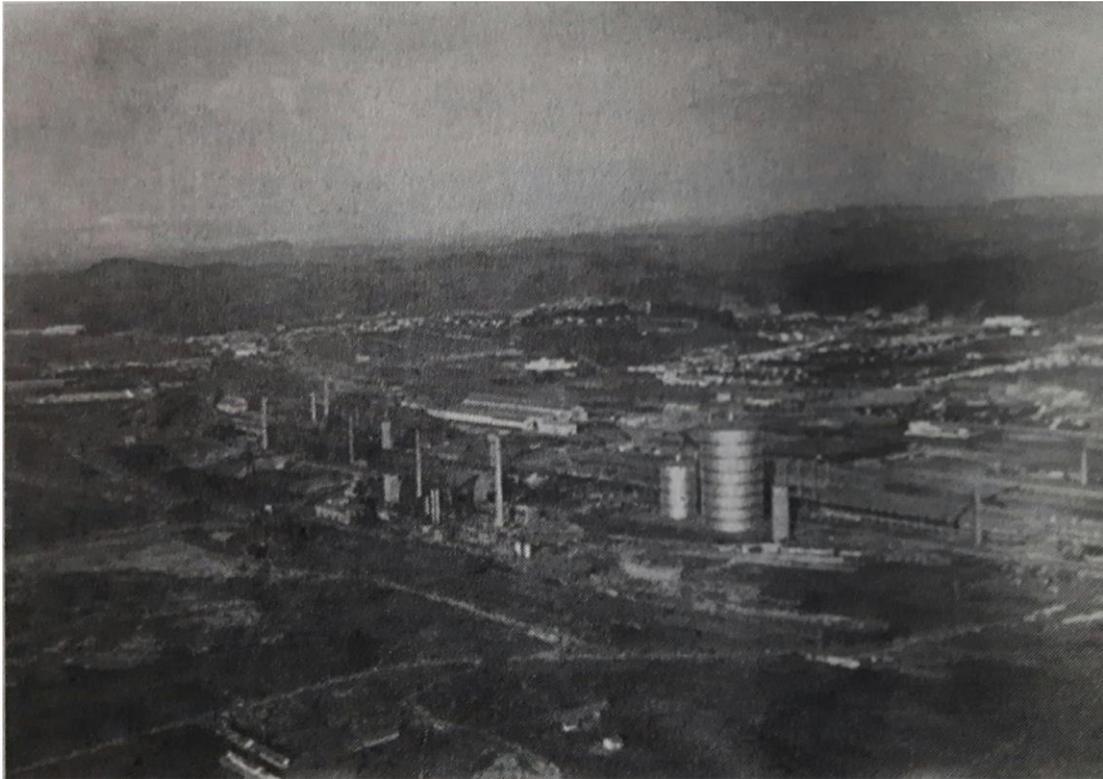
vitória”, face sua importância estratégica para vencer a distância com o Marrocos e possibilitar o alcance dos limitados aviões de transporte utilizados então.

Como é conhecido, Vargas tornou-se a liderança do Brasil a partir da década de 1930, inicialmente amparado em um Governo Provisório, depois na Constituição de 1934. No ano de 1937, Vargas concretizou um golpe de Estado que inaugurou a ditadura do Estado Novo, e se manteve até 1945.

É necessário aclarar sobre acontecimentos econômicos anteriores que ainda se encontravam presentes na economia brasileira e ditavam o ritmo e inclinações durante os períodos dos Governos Provisório e Constitucionalista de Vargas, e, posteriormente, no contexto inicial do Estado Novo de 1937 a 1939. A crise de 1929 e a crise cafeeira do Brasil simbolizavam vestígios econômicos desagradáveis nos anos iniciais da década de 1930 e representavam desafios a serem superados pelo governo de Getúlio Vargas, o qual lançou mão da estratégia de substituição de importações. Outra iniciativa utilizada para promover a retomada econômica brasileira foi a política comercial ambígua e direcionada para as potências rivais - Estados Unidos e Alemanha. As relações comerciais entre Brasil e Alemanha foram intensificadas a partir de 1934. Posteriormente, um Acordo de Livre-Comércio entre Brasil e os Estados Unidos da América (do Norte) foi assinado em 1935.

Em 1939, houve o agravamento da situação política na Europa e a iminência da Segunda Guerra. Em julho de 1939 o governo brasileiro decidiu que assumiria uma posição de neutralidade ou “equidistância pragmática” (MOURA, 1980) com relação às potências rivais Estados Unidos da América (do Norte) e Alemanha. O Brasil desejava obter recursos estrangeiros para reequipar as Forças Armadas e construir as bases da Industrialização, através da implementação de uma siderúrgica, peça considerada chave para promover o desenvolvimento do país. Pode-se dizer que a Companhia Siderúrgica Nacional foi uma consequência necessária promovida pelos Estados Unidos da América (do Norte), “o preço de obtenção” (MOURA, 1991, p. 21) pago para que o governo norte-americano pudesse ter seus interesses estratégicos realizados pelo governo brasileiro. A usina foi inaugurada em 1946, no governo do General Eurico Gaspar Dutra, como ilustram as imagens da época (figura 2).

Figura 2 - Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em Volta Redonda – RJ



Fonte: Imagem do acervo da CSN.

Embora o Brasil ainda assumisse uma posição neutra, a intensa cooperação junto aos Estados Unidos da América (do Norte) refletia que aderira à causa dos Aliados. Em janeiro de 1942, por desejo dos Estados Unidos da América (do Norte), ocorreu no Rio de Janeiro a III Reunião dos Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas, na qual o Brasil declarou seu alinhamento aos Estados Unidos da América (do Norte), rompendo relações diplomáticas com o Eixo. A adesão brasileira foi uma demonstração de solidariedade continental, pilar da política dos Estados Unidos da América (do Norte). A partir do alinhamento brasileiro, tanto a Alemanha como a Itália passaram a enviar suas matilhas de *u-boats* (submarinos) para a costa brasileira, os quais passaram a atacar e torpedear os navios brasileiros que faziam a navegação de cabotagem, transportando cargas e passageiros. É importante ressaltar que o Brasil, neste período e por muitos anos depois, dependia, na quase totalidade, do transporte fluvial e marítimo para transportar cargas e passageiros (MONTEIRO, 2013).

Após o indiscriminado ataque de submarinos do eixo na costa brasileira, conforme figura 3, ação que pôs a pique, ou avariou severamente trinta e cinco navios de transporte de

carga e de passageiros³ ceifando 1.081 vidas, entre as quais mulheres e crianças, e afundando 138.530 toneladas de deslocamento, o governo brasileiro exposto à enorme pressão popular estampada nos jornais da época, como ilustrado na figura 4, com avanços e retrocessos que desacreditavam que o Brasil fosse entrar no conflito, o ditador Getúlio Dornelles Vargas decretou o estado de beligerância com as forças do eixo. Ato contínuo, foi criada a Força Expedicionária Brasileira com o objetivo de convocar, selecionar e treinar a tropa para atuar na guerra.

Figura 3 - Posição dos submarinos do eixo afundados na Costa Brasileira



³ Embarcações adversárias também foram alvejadas na guerra. Jazem na costa brasileira atualmente 11 submersíveis de bandeira alemã ou italiana, sendo o mais próximo ao Rio Grande do Sul, nas cercanias da Ilha de Florianópolis.

Figura 4 - Publicação do Jornal Globo, do Rio de Janeiro, de 23 ago. 1942



Ao enviar forças à Itália, a tropa brasileira substituíra parte dos contingentes Estadunidense e da Grã-Bretanha (aí incluídos Índia, Canadá, Austrália, África do Sul, Inglaterra e Nova Zelândia), retirados para projetar, treinar e executar o desembarque na Normandia, mundialmente conhecido como o dia D. Nas palavras do comandante da Força Expedicionária Brasileira, General João Batista Mascarenhas de Moraes, eram sombrias as perspectivas:

Os expedicionários brasileiros, mal preparados psicologicamente, sofreram e venceram, mais que quaisquer outros, desde a travessia do Atlântico até a frente de batalha, situações difíceis e vexatórias, que se sucediam continuamente diante do desconhecido da guerra (MORAES, 1984).

Houve decepção dos aliados quando tomaram contato com os componentes da tropa, constituintes do primeiro embarque. Havia insuficiência em suas condições mínimas de saúde e os uniformes que utilizavam eram impróprios, pela sua qualidade e por sua inaplicabilidade às condições climáticas. Igualmente, os agasalhos e calçados não eram adequados. A pronta ação do General Mark Clark, comandante do V Exército dos Estados Unidos, ao qual as forças

brasileiras se integraram, fornecendo os materiais necessários, resolveu a situação. Mesmo após ter enviado um grupo de observações previamente, as autoridades brasileiras não adotaram nenhuma das providências sugeridas, expondo os soldados a condições vexatórias e insalubres (MORAES, 1984)

Era sob esse vexame injustificável que a tropa brasileira iniciaria, em setembro de 1944, suas operações de guerra; armamento e munição americanos, calçados e agasalhos americanos, alimentação quase toda americana, pois até o café, cujo grão provinha do Brasil, não podia ser aproveitado por falta de aparelhagem para torrar e moer. Relativamente aos uniformes, convém salientar que além da má qualidade e péssimo acabamento – impróprios para temperaturas tão baixas – tinham o inconveniente de muito se assemelharem, pela cor, aos do inimigo, provocando perigosas confusões entre os combatentes, em particular para a aviação, os observadores de artilharia e para nossos aliados, os quais, no ardor do combate, poderiam tornar-nos como adversários. Não tendo sido selecionado com tanto rigor, o soldado brasileiro, em grande parte oriundo do meio rural, e não apresentando características físicas apuradas, satisfez, contudo, às necessidades militares da campanha por sua rusticidade e engenhosa capacidade de adaptação. Selecionada a tropa e submetida ao treinamento possível, a próxima etapa seria a organização do embarque (MORAES, 1984).

Sob caráter sigiloso, o primeiro escalão da tropa foi reunido no cais do porto do Rio de Janeiro na noite de 30 de junho de 1944. A operação de embarque foi revestida de grande sigilo, pelo temor da denúncia dos chamados à época “quinta coluna”,⁴ isto é, traidores. O único integrante da Força Brasileira a saber o destino era o General Mascarenhas de Moraes: Nápoles, na Itália. A bordo do grande navio norte americano de transporte de tropas reuniram-se 5.075 militares brasileiros, entre eles os jovens soldados conhecidos como pracinhas.

No dia primeiro de julho, o navio ainda se manteve no porto, oportunidade na qual o Presidente da República, pelo microfone de bordo, dirigiu as seguintes palavras de conforto à tropa, registrada na imagem da figura 5:

Soldados do Brasil. O presidente da República, aqui vem, acompanhado do ministro da guerra, para trazer-vos os votos de feliz viagem e, não podendo fazê-lo a cada um, o faz por meio deste microfone, é sempre uma glória lutar-se pela pátria e por um ideal. O Governo e o Povo do Brasil vos acompanham em espírito na vossa jornada, vos saúdam e vos aguardam cobertos de glórias (MARCHEL, 2019).

⁴ O termo quinta coluna foi cunhado a partir da revolução espanhola, considerando-se que, à época, os exércitos marchavam em colunas de quatro homens, apropriadas às dimensões das estradas. Um general adversário aludiu que o exército marcharia em cinco colunas, essa quinta formada por traidores locais que se juntariam às suas forças.

Figura 5 – Visita do Presidente Getúlio Vargas ao 1º Escalão de Embarque da FEB, no navio-transporte General Mann⁵



O presidente Getúlio Dornelles Vargas, ao despedir-se dos pracinhas que compunham o primeiro escalão a bordo do navio de transporte de tropas General Mann, da marinha dos Estados Unidos, proferiu este discurso épico e apoteótico, exaltando o patriotismo da juventude ao voluntariar-se para singrar o atlântico em prol da liberdade. Liberdade essa que, a mesma juventude não usufruía em nossa pátria, sob o jugo da ditadura de Vargas e do Estado Novo. Lira Neto, no livro “Getúlio 1930-1945 – do Governo Provisório à Ditadura do Estado Novo”, o autor narra que, em 29 de outubro de 1943, 13º aniversário da vitória dos movimento civil-militar de 1930, em vez de festejos, Getúlio Vargas foi alvo de um libelo histórico, que denunciava o Estado Novo como modelo de governo incompatível com a luta dos Aliados (LIRA NETO, 2012).

⁵ momentos antes do mesmo zarpar; a tropa já estava recolhida aos beliches. De frente para o Presidente o Capitão-de-Fragata Paul Maguire, Comandante do navio (1º de julho de 1944).

Em meio a essa escalada de tensões, as forças repressivas passaram a enxergar conspirações e quintas-colunas por todos os lados. Em 30 de outubro, um simples baile de estudantes, realizado em São Paulo pelos alunos da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, resultou na detenção do presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto. Durante a festa, o Baile das Américas, um dos rapazes pedira ao maestro um espetaculoso rufar de tambores. Seria o acompanhamento apropriado, sugeriu, para a leitura de um pequeno poema em homenagem aos soldados alistados na Força Expedicionária Brasileira (FEB), recém-organizada para coadjuvar os Aliados na guerra contra o Eixo: “Oh, valente legionário, Do Corpo Expedicionário, Por que vais lutar a esmo, Se a luta cruenta e fria, É pela democracia? Vamos lutá-la aqui mesmo!”

A declamação terminou com brados de “Abaixo a ditadura” e “Morra Getúlio Vargas”.

O primeiro navio de transporte de tropas zarpuou na manhã do dia 2 de julho, vencendo a incerteza da navegação pelo atlântico e o temor dos ataques inimigos, guarnecido por escolta das marinhas brasileira e estadunidense. Aportou em Nápoles no dia 16 de julho (MORAES, 1984), conforme figuras 6 e 7.

Figura 6 - Embarque do Primeiro Escalão da FEB



Fonte: Ministério da Defesa⁶

⁶ Disponível em: <http://www.dphcex.eb.mil.br/noticias/2-uncategorised/244-02-de-julho-partida-do-primeiro-escalao-da-feb-1944>. Acesso em: 23 ago. 2021.

Figura 7 - Chegada do Primeiro Escalão da FEB em Nápoles, na Itália



Fonte: World Of Tanks⁷

Quadro 1 - Contingentes de militares brasileiros que compuseram a força

Data partida	Local partida	Data chegada	Local chegada	Nº Homens	Navio
02/07/1944	Rio de Janeiro	16/07/1944	Nápoles	5.075	General Mann
22/09/1944		06/10/1944		5.075	General Mann
22/09/1944		06/10/1944		5.239	General Meigs
23/11/1944		07/12/1944		4.691	General Meigs
08/02/1945		22/02/1945		5.082	General Meigs

⁷ Disponível em: <https://worldoftanks.com/pt-br/news/general-news/feb-chegou-em-napoles/> Acesso em: 23 ago. 2021.

2 O CASAL UNIDO PELA GUERRA E SUA MEMÓRIA

2.1 O RETORNO

O belo discurso proferido pelo Presidente Getúlio Vargas na partida dos soldados para a guerra (ver final do item 1.5) não foi cumprido no regresso.

A gestão da desmobilização dos pracinhas foi politicamente conservadora a fim de evitar a participação dos expedicionários nos conflitos de poder do Estado Novo com um progressivo esquecimento social dos expedicionários. Os veteranos foram abandonados pelas autoridades civis e militares e a legislação de benefícios foi apenas praticamente ignorada e houve uma apropriação crescente dos benefícios destinados apenas aos combatentes, por não expedicionários (HAAG, 2013).

Recebidos com festas, os militares foram desmobilizados com pressa inaudita. A razão foi política: tanto as autoridades do Estado Novo em decadência, quanto as forças políticas de oposição, temiam o pronunciamento político dos expedicionários. “A pressa foi tão grande em acabar com a FEB que os pracinhas já saíram da Itália com seus certificados de baixa e quando chegaram ao Brasil, já não estavam mais sob a autoridade do Comandante da FEB” (FERRAZ, 2015, p. 94).

Segundo Ferraz (2015, p. 83), “os pracinhas foram recebidos com festas, aplausos e discursos”. Tudo isso mostrou-se vazio pois, já haviam sido desmobilizados na Itália e foram proibidos de ostentar suas vestes e lauréis, como heróis da liberdade. Na chegada, os militares do exército foram instruídos a não dar entrevistas e nada comentar, sem autorização do Ministério da Guerra. O descaso no retorno, a inviabilidade da concessão de benefícios para os feridos e doentes, compôs um quadro de desamparo em pouco tempo levando muitos ao crime, ao suicídio ou a morte pela falta de assistência. No texto o autor cita o “neurótico de guerra”. Esse carregava a pecha de “louco de guerra”.

Relato agora uma experiência pessoal. Na minha adolescência, tive a oportunidade de conhecer um andarilho que vivia nas ruas de Viamão. Era um mendigo, maltrapilho. Ficava muito nervoso quando ouvia algo que se assemelhasse a um tiro. Entrava em verdadeiro desespero e imitava o som de uma metralhadora. Em função disso mereceu o apelido de “tatatá”. Era avesso ao contato e, quando dávamos um alimento a ele, normalmente repartia entre os vários cães que o acompanhavam e, se sobrasse, comia.

Muitos anos depois, lendo atas antigas de uma Loja Maçônica a qual integro, descobri que ele era um ex-combatente da Segunda Guerra Mundial chamado Jonas. Essa instituição,

anualmente, no início do inverno, dava-lhe um cobertor para se proteger do frio. Era o máximo que aceitava. Certa feita, a mesma instituição procurou o exército para solicitar a prestação tratamento e auxílio. Obtidos ambos, rejeitou-os, retornando às ruas, onde encontrou a morte no final do século passado.

Vencidos os inclementes inimigos na Europa (os alemães e o inverno nos Apeninos), saudados como heróis ao desembarque, os pracinhas foram relegados ao esquecimento em pouco tempo. A desmobilização ainda na Itália somou-se à chegada ao Brasil como civis, com a proibição de ostentar seus uniformes, armamentos, as medalhas e láureas conquistadas ao custo de sangue e lágrimas. À época, o regime de exceção imposto ao país através do Estado Novo, considerou que aquele contingente de homens, pela experiência adquirida e pelo espírito forjado em combate, poderia opor-se a um regime semelhante àqueles contra os quais foram lutar na Itália.

As dificuldades impostas foram tamanhas que, após o ostracismo do retorno, casos de mortes como indigentes ocorreram em várias cidades brasileiras.

No Estado de São Paulo, após o retorno dos pracinhas, um corpo em estado de putrefação foi enterrado como indigente, conforme relato publicado pelo memorialista Almeida (2010), em seu blog Ecos da Segunda Guerra, editado sob a perspectiva de compartilhar um pouco do que foi a participação da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial. A situação abaixo exemplifica o descaso com mais um dos integrantes do grupo.

Meses depois a polícia encontrou os pertences do morto e os relacionou: Um saco de farrapos, dentro do qual, envolvidos em jornais velhos e amarrados com barbante, estavam as coisas que o identificavam: 1. Uma foto da pessoa em tela; 2. Uma foto da embarcação SS Mariposa; 3. Uma medalha de combatente da FEB; 4. Uma plaqueta de identificação de combatente da Segunda Guerra Mundial; 5. Um emblema de condecoração; 6. Dois emblemas da FEB; e 7. Dois certificados de nº 08612 e 2916161.

Como pode-se deduzir por esta citação, um indivíduo com poucos liames à vida cotidiana, a ponto de morrer como indigente, atribuía grande significado à sua trajetória de combatente, a ponto de carregar consigo, “em um saco de farrapos” que constituía toda sua propriedade, os registros da vida de soldado temporário.

O General João Baptista Mascarenhas de Moraes, Comandante da FEB, promovido a Marechal (posto militar alcançado apenas por laurel obtido no campo de batalha) no final dos anos 1940, pela Assembleia Nacional Constituinte, foi incansável em seu trabalho em prol dos veteranos na campanha da Itália. Dispendeu seus melhores esforços no apoio aos remanescentes

e na repatriação dos despojos dos 466 brasileiros tombados em solo italiano. Na oportunidade, da repatriação, proferiu discurso registrado no local retratado na figura 8, citando:

Em verdade, são bravos que regressam à Mãe-Pátria, trazendo, além das glórias de uma vitória, o exemplo do dever cumprido com o sacrifício da própria vida. O repatriamento dos nossos mortos da Segunda Guerra é um ato evidentemente patriótico, circunstancialmente oportuno, que atende ao clamor de suas famílias, expresso, há longo tempo, em solicitações dirigidas à Comissão de Repatriamento. Seus despojos não podiam continuar no outro lado do Atlântico, na longínqua Pistóia, acessível apenas aos mais afortunados, porém vedados às mães, esposas e filhos, enlutados e dignificados pela perda de seus entes queridos (MORAES, 1984).

Figura 8 - Chegada ao Brasil dos despojos dos brasileiros sepultados em Pistóia. Recepção e desfile das urnas funerárias na Avenida Rio Branco, rumo ao Monumento Nacional, na Guanabara, em 22 de dezembro de 1960



Fonte: Moraes (1984).

Esquecidos pela pátria, os pracinhas remanescentes, hoje veteranos da campanha da Força Expedicionária Brasileira, reconstruíram suas vidas e passaram ao largo da história, sem o reconhecimento aos seus feitos.

2.2 JOÃO PEDRO E IOLE

Ao final do conflito na Europa, os integrantes das forças brasileiras, ainda na Itália, na região libertada, compreendida principalmente entre o centro e norte do país, conforme figura 9 passaram a conviver diuturnamente com a população local, a qual, carente das condições

mínimas de sobrevivência em um país destruído, sofria com a insegurança, a falta de víveres, a perda de familiares e de suas casas. Nesse quadro, passaram a depender dos militares brasileiros para obter o indispensável em relação à alimentação, saúde e, até convívio social.

Figura 9 - Roteiro da FEB na Campanha na Itália



Fonte: Researchgate⁸.

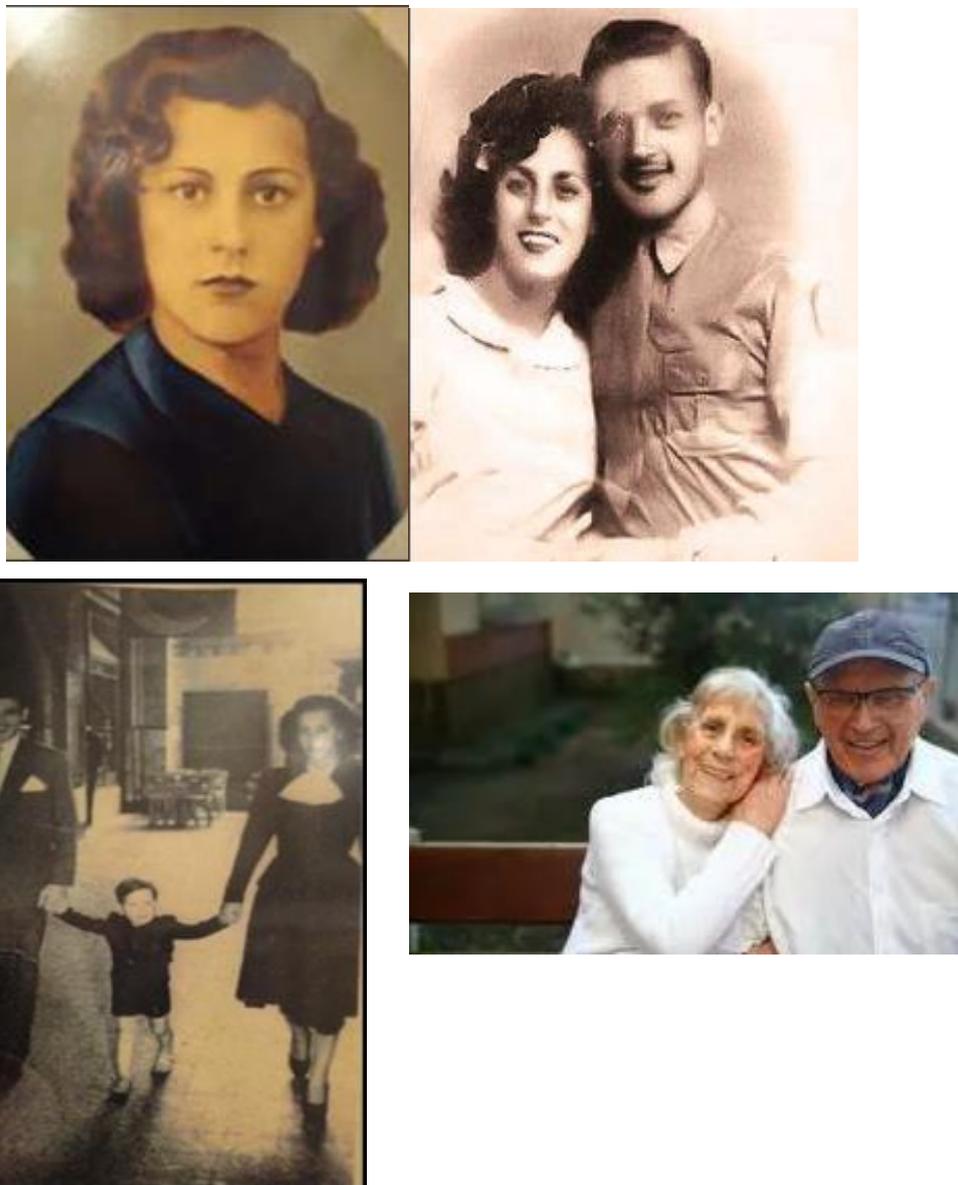
Utilizando os víveres recebidos, suficientes para alimentar a tropa, estes eram simplificados e multiplicados, produzindo pratos simples e ricos em nutrientes, de fácil preparo. Nessas condições, fez-se a “mágica”, e o rancho (alojamento militar rústico) passou a produzir quantidade expressiva de um tipo de mingau, iguaria que manteve alimentadas tanto a tropa brasileira como a combatida população das cidades onde estavam acantonados.

As agruras e as soluções apresentadas são relatadas pelo memorialista João Barone em sua obra “1942. O Brasil e sua guerra quase desconhecida”. Nela narra a solução apresentada pelos militares brasileiros para a carência alimentar da combatida população das cidades libertadas. Como exemplo, citamos que “a palavra mingau se tornou adjetivo no linguajar regional significando qualquer coisa boa” (BARONE, 2013 p. 270), remetendo às dificuldades superadas naquele momento difícil. “Nas cidades libertadas do jugo alemão, anualmente são

⁸ Disponível em https://www.researchgate.net/figure/Figura-03-Roteiro-da-FEB-na-campanha-da-talia_fig2_314115341. Acesso em: 28 set. 2021.

realizadas cerimônias públicas homenageando os *liberatori* (brasileiros)” (BARONE, 2013, p. 266). Nestas ocasiões, a população e, de forma muito especial, as crianças, portando bandeiras italianas e brasileiras cantam em português perfeito a “Canção do Expedicionário”⁹. Estes fatores demonstram a importância da tropa brasileira no contexto e justificam a receptividade com a qual os soldados foram acolhidos e a ascendência que exerceram sobre a população carente, viabilizando a construção de relacionamentos, como o que este trabalho tem por mote.

Figura 10 - Iole Trédice e o casal Iole Trédice e Pedro Paz em 1946, em 1950, com o filho na Galeria Chaves e foto do casal no final da década de 2010.



Fonte: Acervo do LAPHO.

⁹ que pode ser vista no link <https://www.youtube.com/watch?v=R-3oyEIs2vU>

No contexto acima, outra circunstância advinda da guerra era a ociosidade, essa combatida com a realização de bailes, repetidos nas manhãs, tardes e noites. Nos bailes, um soldado brasileiro aproximou-se, dançou, cortejou e enamorou-se de uma jovem italiana de 17 anos. Essa também se encantou com o jovem soldado e ambos passaram a frequentar os bailes, encontrando-se diariamente. Os fatos são relatados, em geral com teor romanceado, em gravações de entrevistas concedidas pelo casal para programas televisivos.

Mesmo que os protagonistas do tema proposto formem um casal unido há muito tempo, fica clara a diferente conotação com que ambos contam a sua história de vida. Ela, falante, vivaz, clara ao expressar seus sentimentos, orgulhando-se do seu passado, história e da família constituída, e ele, firme, austero, demonstrando que passados mais de setenta anos, as marcas da guerra ainda conduzem sua conduta. Na diferente forma de demonstrar sentimentos, transparece a questão de gênero marcadamente, ela manifestando claramente seus sentimentos e, ele, mormente pela formação militar, deve manifestar-se de forma contida e com austeridade.

Nos diversos contatos mantidos com ambos, transparece que essa imagem do Sr. João Pedro Paz, porém, por vezes, externa tênues sinais de emoção. Relata os fatos da guerra, da vida a dois e orgulha-se da história construída para fruto da determinação de ambos, construir o presente de sua família. Não foram raras as vezes que se emocionou na narrativa e, contido, quase foi às lágrimas. Já a Sr.^a Iole deu vazão às suas emoções, exprimindo-as em poesias. Ele, ao manifestar-se em inúmeras oportunidades, em comemorações e eventos, em tom jocoso, citava que se vingou de Giuseppe Garibaldi que, vindo ao Brasil, levou Anita. O Sr. João Pedro foi à Itália e trouxe a Sr.^a Iole. Uma leitura muito pessoal da história transnacional.

Na obra “Práticas da Memória Feminina” (PERROT, 1989), é dada ênfase à obscuridade à qual foi relegada a mulher, historicamente, quando o tema é memória. A autora ressalta a opacidade de sua narrativa, sempre submetida a um papel secundário e voltada às coisas íntimas do lar e da família. Em nosso tema, precisa-se delimitar claramente o momento histórico em que os fatos aconteceram, as agruras da guerra, o tempo decorrido, as sociedades nas quais ambos estavam inseridos para afirmar, que neste caso, a Sr.^a Iole foi protagonista de sua história, tomou suas decisões e, presentemente pode citar sua vivência e orgulhar-se dela.

Perrot (1989) ressalta que os meios de registro de memórias foram seletivos quando trata da memória feminina, relegando-as a papéis secundários. A obscuridade dessas memórias colocou as mulheres como acessórios, não dando protagonismo às suas memórias. Joan Scott (1995) cita o fator da longevidade que, dando sobrevida a elas em relação aos homens, “lhes confere um papel efetivo de testemunhas, sobreviventes das épocas passadas”. O texto da autora encontra ressonância na realidade que foi pesquisada, visto o Sr. João Pedro Paz ter falecido

em setembro de 2020, aos 97 anos, enquanto a Sr.^a Iole ainda pode relatar suas memórias, suas realizações e seus frutos.

Conforme conceitua Alberti (2005), a história oral permite o registro de testemunhos e o acesso a “histórias dentro da história” e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado. Vamos acompanhar uma narrativa indireta da história do casal Paz, uma vez que o destino de ambos, e do filho desta relação, acabaram de conhecimento público, o que foi fundamental para sua reunião no Brasil. A narrativa que segue é um depoimento do Sr. João Pedro Paz a Sírio Sebastião Frohlich, reproduzido na obra “Vozes da Guerra” (2015, p. 193-194):

Depois da guerra, diversas músicas destacam as histórias e os feitos dos pracinhas. Uma das mais famosas é Mia Gioconda. Gaúcho de Cachoeira do Sul, João Pedro Paz diz ser protagonista da história cantada por Vicente Celestino. Segundo ele, o presidente da república estava dando uma festa no Cassino da Urca, no Rio de Janeiro, e a FEB foi convidada para participar da recepção. O Vicente Celestino estava dando um show. Depois do Show, muito alegre, com um copo, fazendo brindes, saudando a todos, ia perguntando para um e outro: “E você, casou-se na Itália?... Sua esposa veio?” Ele chegou para mim: “E você aí?” Eu, quase chorando – as lágrimas vinham aos olhos sem querer – disse: Olha, senhor Celestino; o meu caso foi completamente diferente: eu não me casei. Não casei porque deram ordem para as tropas virem embora e ela ficou no cais napolitano, abanando com a mão até o navio desaparecer no horizonte...

Segundo Frohlich, Paz contou que sua história teria impressionado Celestino. Mais ou menos um ano depois, João Paz ouviu a música pela primeira vez, e de acordo com Paz, a música representava bem sua história com Iole Trédice, que conheceu em Pescia, norte da Itália, após o término dos combates. A paixão entre ambos, contudo, precisou enfrentar a separação quando chegou a ordem para o soldado voltar para o Brasil. No segundo extrato do relato, o Sr. Paz refere-se a sua situação em Porto Alegre, a qual mostra a falta de atenção governamental com relação aos pracinhas, e, por outro lado, a solidariedade dos conterrâneos:

[...] no cais napolitano eu deixei uma jovem italiana, de 17 anos, abanando com a mão até o navio desaparecer no horizonte... Eu a havia deixado, com a promessa de que voltaria para buscá-la. Meu desespero maior era porque sabia que jamais poderia cumprir; mas ela tinha a certeza de que eu cumpriria a promessa. Depois de um tempo, recebi uma carta dela, dizendo que estava grávida; e eu sem um tostão furado no bolso, dormindo no banco da Praça da Alfândega. Fui aconselhado a procurar o Correio do Povo: Quase chorando, mostrei a carta. O Cândido Norberto - que Deus dê bom céu para ele [falecido em 2009] -, repórter da Folha da tarde me disse: “Vem cá. Me conta essa história direitinho...” contei a história toda.... Saiu na primeira página, os jornais me procuraram e até abriram uma conta no banco para mim.... e [recebi] doações do comércio: Nasci de novo [...].

Figura 11 - Registro da entrevista entre Cândido Norberto dos Santos (esq.) e João Pedro Paz (dir.)



O ex-pracinha João Pedro Paz, quando falava à reportagem. Ele é dos polos que estão ligando dois continentes por uma imensa "audácia"

Fonte: Folha da Tarde (1946).

O Sr. Paz procurou o Consulado e casou-se por procuração. Em 26 de outubro de 1946, a Sr.^a Iole chegou a Porto Alegre com o filho nos braços, conforme publicou a Folha da Tarde, em 29 do mesmo mês. Ainda de acordo com o depoimento que está no livro de Frohlich, o Sr. Paz, durante vários anos, procurou Vicente Celestino, para contar-lhe que sua Gioconda estava no Brasil. Uns 20 anos depois destes fatos, em agosto de 1968, foi procurá-lo em um hotel onde estava hospedado para um show, deixando-lhe um recado. Entretanto, o músico morreria naquela noite sem que ambos pudessem se falar.

Esta é a letra da música “Mia Gioconda”, de autoria de Vicente Celestino. Em julho de 1945, o governo brasileiro realizou uma festa de recepção aos combatentes, no Cassino da Urca, no Rio. Entre os convidados estava o cantor Vicente Celestino, que entre goles de uísque e champanhe deliciava-se com as histórias de heroísmo reveladas pelos pracinhas. Até que um relato, que nada tinha a ver com bravura ou abnegação no campo de batalha, lhe chamou a atenção. O Soldado João Pedro Paz contou as razões de sua tristeza, servindo de inspiração ao compositor:

MIA GIOCONDA

No dia que nascemos e vivemos para o mundo
 Nos falta uma costela que encontramos num segundo
 Às vezes muito perto desejamos encontrá-la
 No entanto, é preciso muito longe ir buscá-la
 Vejamos o destino de um pracinha brasileiro
 Partindo para a Itália transformou-se num guerreiro
 E lá muito distante, despontar o amor sentiu
 E disse estas palavras a uma jovem quando a viu

Italiana
 La mia vita oggi sei tu
 Io te voglio tanto bene
 Partiremos due insieme
 Ti lasciar non posso più

Italiana
 Voglio a ti piccola bionda
 Ha il viso degli amori
 La tue labbra son due fiori
 Tu sarai la mia Gioconda

Vencido o inimigo que antes fora varonil
 Recebeu a F.E.B. Ordem de embarcar para o Brasil
 Dizia a mesma ordem
 Quem casou, não poderá levar consigo a esposa
 A esposa ficará
 Prometeu então o bravo, ao dar baixa e ser civil
 Embarcarás amada, para os céus do meu Brasil
 E, enquanto ela esperava lá no cais napolitano
 Repetia estas palavras no idioma italiano

Brasilião¹⁰
 La mia vita oggi sei tu
 Io ti voglio tanto bene
 Chiedo a Dio que tu venga
 Ti scordar non posso più

Brasilião
 Sono ancora la tua bionda
 Mi sposo hai lasciato
 Questo cuore abbandonato
 Che chiamasti di Gioconda
 Di Gioconda
 Di Gioconda

Pode-se observar na letra¹¹ as injunções do Estado brasileiro e das relações internacionais sobre a vida dos indivíduos, assim como a adesão popular ao encontro do casal.

¹⁰ Italiana/ A minha vida hoje és tu / eu te quero tanto bem / partiremos todos juntos / deixar-te não posso mais / Italiana / quero você pequena loira / tens o rosto dos amores / os teus lábios são duas flores / tu serás a minha Gioconda.

¹¹ A execução da canção pode ser vista no link <https://www.youtube.com/watch?v=s3cUgfkNBPE>.

É necessário esclarecer duas circunstâncias desta história que enlaça a Europa e a América. A Sr.^a Iole e todas as namoradas, noivas e esposas italianas não puderam acompanhar seus pares por questão de hierarquia militar e de gênero. Era impensável, à época, que mulheres pudessem compor a tripulação de um navio de transporte de tropas. Essas embarcações, normalmente obsoletas e sem viabilidade para utilização militar, eram adaptadas para o exclusivo transporte de tropas. Comprimiam-se a bordo mais de 5.000 homens em alojamentos precários e insuficientes, podendo ser definido como de promiscuidade, visto os beliches a bordo serem insuficientes para todos os ocupantes. Nessas condições era normal e usual o rodízio de ocupantes das rústicas camas.

Definida essa questão, forçado pela obediência à hierarquia, o Sr. João Pedro retornou sozinho ao Brasil, com a convicção de que seria difícil cumprir a palavra empenhada à namorada italiana. Quanto ao fato de a Sr.^a Iole Trédice não ter integrado o grupo de italianas trazido ao Brasil no final de 1945, no navio Pedro II, supõe-se que isso se deve ao fato de não ter ocorrido união civil entre ambos. Segundo Pellegrino Feres (2018, p. 96), as mulheres que cruzaram o Atlântico neste navio eram “recém-casadas” com soldados brasileiros. Cabe trazer a avaliação desta autora: “O que chama a atenção no caso da imigração de gênero em questão é o fato das noivas italianas, que se deslocaram para o Brasil, terem sido alvo de total invisibilidade tanto nos estudos da imigração como nos que envolvem a atuação da FEB” (PELLEGRINO FERES, 2018, p. 100).

Esta união matrimonial em solo italiano acabou por ocorrer entre a Sr.^a Iole e o Sr. João Pedro, de um modo diferente, como visto anteriormente. Ao receber a correspondência da Sr.^a Iole informando que estava grávida, ele passou a envidar esforços para trazê-la ao Brasil. Obtido fundos para esta transferência, foi preciso dar conta da exigência paterna, que condicionou a partida da filha à oficialização do casamento. O Sr. João Pedro não era desconhecido da família de sua amada, pois, como soldado, levou alimentos à família, no período de escassez da guerra. A demanda patriarcal foi resolvida com um casamento por procuração. A chegada em Porto Alegre foi registrada em jornais da época, conforme ilustrado na figura 12.

Figura 12 - Reportagem da Folha da Tarde sobre a chegada da Sr.^a Iole em Porto Alegre



Fonte: Frohlich (2015, p. 194).

Na década de 1990, a história do casal ainda despertava interesse e comoção como pode ser visto no resgate do quadro em “Nome do Amor” apresentado por Sílvio Santos em sua edição de 26 de novembro de 1995. Respondendo às perguntas do apresentador, a Sr.^a Iole Trédice, que entrou primeiro no auditório, comentou:

Estava dando um baile num clube para festejar um pouquinho. A gente foi num baile, chamado Garibaldi (figura 13). Tava civil, militares, várias pessoas. Aí, tava um soldadinho lá do outro lado, aliás, foi ele que me olhou primeiro (risos). Encontramos nosso olhar. Daí um pouco ele veio me pedir para dançar. Naquela época, usava dizer: a segunda dança a terceira dança (...). Aquela época, cinquenta anos atrás.

Figura 13 - Cinema Garibaldi (Pescia)



Fonte: Acervo do LAPHO.

Na continuação do programa, o Sr. João Pedro Paz entra no auditório e, ao som da valsa Danúbio Azul, a mesma que tocara no baile na Itália, o casal dança e o Sr. Paz declara-se emocionado com este episódio.

Alguns anos depois [2000], a Rede Brasil Sul, mais precisamente a RBS TV, no Programa Tele Domingo, um programa de variedades exibido ao final da noite dos domingos, com produção local, também trouxe a história do casal, mas com um enfoque no cenário da guerra mundial. Nesta narrativa, o Sr. Paz é referido como um soldado que “atuou como atirador de elite, contra os alemães”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na finalização deste trabalho, após a leitura de textos indicados, posso entender que meu trabalho junto aos pracinhas da FEB se caracteriza como uma “prática comunitária” que não seguiu os parâmetros de registro acadêmico. As dificuldades para realizar este trabalho podem remeter a dilemas da história oral em outros países:

Resumindo, um aspecto crucial do movimento da história oral – certamente do movimento britânico – é uma tensão entre os desenvolvimentos teóricos que questionaram a memória e a identidade, e o compromisso com a prática democrática e credenciada. Não afirmo aqui que a sofisticação teórica não possa se tornar acessível e útil à prática, nem que a prática da história oral comunitária seja necessariamente não-reflexiva ou ateórica (THOMSON; FRISCH; HAMILTON, 1996).

O trabalho desenvolvido teve por objeto, realizar uma análise sobre as implicações e desdobramentos na vida de duas pessoas, um brasileiro, ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira e sua esposa, italiana, moradora na cidade de Pescia, região de Pisa na Toscana. Eles conheceram-se ao final da guerra, e depois foram afastados por contingências do momento. Sua história é permeada por questões de nacionalismo, gênero e identidade, exacerbadas no contexto da Segunda Guerra Mundial. Buscamos a bibliografia acadêmica relacionada ao tema, nela encontrando o embasamento para discorrer sobre o tema proposto. Encontrados os balizadores bibliográficos pertinentes, os enquadrámos ao tema, na busca de respostas aos nossos questionamentos iniciais.

A questão identitária é marcante na personalidade da Senhora Iole, mesmo passados mais de 75 anos, permanecendo seu vínculo à terra natal e a região de onde provém. Quando fala sobre si, qualifica-se como oriunda da cidade de Pescia, próximo à Pisa na Toscana, norte da Itália. Mantém forte sotaque italiano, denotando que mesmo distante da comunidade italiana, preserva seu modo de falar, frequentemente utilizando palavras do idioma pátrio.

A questão do patriotismo e nacionalismo, bem como o respeito à mulher e à palavra empenhada são marcantes na personalidade do Sr. João Pedro (*in memoriam*). Nas muitas oportunidades em que foi contatado, sempre ressaltou, em suas palavras, os sacrifícios feitos pela pátria, o orgulho de ser brasileiro e de ter oferecido seu sangue pela causa na qual o país viu-se envolvido. Outro fator importante foi o respeito à hierarquia militar, o que denota também patriotismo, não recusando-se à ordem de regressar só ao Brasil. Alguns de seus colegas de armas, optaram por permanecer na Itália, ficando próximos às namoradas, noivas ou esposas.

No caso em estudo, a questão de gênero está presente, principalmente quando a verificamos à luz do momento histórico em que se conheceram. O Sr. João Pedro Paz egresso do interior do Rio Grande do Sul, da cidade de Cachoeira do Sul, região marcadamente rural e pouco desenvolvida, com baixo acesso à informação; e a Sr.^a Iole Trédice, com 17 anos de idade, seis dois quais vividos no período da maior conflagração que assolou o planeta, em seu epicentro, com a estrutura patriarcal familiar predominante, vivendo na região rural de um país há pouco unificado. Submeteu, parcialmente, sua vontade e seus interesses às determinações do pai, não viajando ao Brasil, num primeiro momento, para unir-se ao seu *braziliani*. Sua condição de gravidez solteira, até o casamento por procuração, foi uma carga que teve que suportar com o auxílio da *mama*.

O Sr. João Pedro Paz faleceu em setembro de 2020, já com a idade de 97 anos. Entre nós, com a saúde debilitada pela idade, a Sr.^a Iole Trédice, moradora de Porto Alegre é testemunha dos fatos vividos e narrados.

Nos diversos contatos mantidos, ficou a certeza de uma vida plena, permeada pelas agruras da guerra, pelo encontro, pelos dissabores da separação e, em 1946, a vitória da reunião da família em Porto Alegre, cidade que os acolheu, serve de última morada para o Sr. João Pedro Paz e valoriza a trajetória da senhora Sr.^a Iole Trédice, mesmo que, em um círculo restrito.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas

ALBERTI, V. Histórias dentro da História. In: PINSKI, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155-202.

ALMEIDA, A. O Retorno da FEB – Injustiças com Veteranos Brasileiros. **Ecos da Segunda Guerra**, 2010. Disponível em <https://segundaguerra.org/o-retorno-da-feb-injusticas-com-os-veteranos-brasileiros/>. Acesso em: 6 mar. 2021.

ANDERSON, B. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARONE, J. **1942 O Brasil e sua guerra quase desconhecida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

BERNARDES, M.M.R.; LOPES, G.T. As enfermeiras da força expedicionária brasileira no front italiano. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, 41 (3), 2007.

Disponível em

<<https://www.scielo.br/j/reeusp/a/jRSXyJXkFKnNw4kGYHcqT7N/?lang=pt>>. Acesso em: 23 ago. 2021.

BETT, I. Do registro de memória ao objeto musealizado: uma análise dos usos de um diário de guerra de um combatente da Força Expedicionária Brasileira - FEB. In: **Anais do XXIX Simpósio Nacional de História**. 2017, Brasília. p. 1-17.

CHARÃO, E.B. **Mulheres italianas e trabalho em Porto Alegre/RS (1945-1965)**.

Orientador: Antônio de Ruggiero. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2015.

FERRAZ, F.C.A. **A guerra que não acabou**: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000). 2015. Disponível em: books.google.com. Acesso em: 25 ago. 2021.

FROHLICH, S.S. **Vozes da Guerra**. Rio de Janeiro: Bibliex, 2015

HAAG, C. Em busca da “guerra boa” dos pracinhas. **Revista Pesquisas**, FAPESP. São Paulo, 2013.

LEIDENS, S.M. **O Discurso Estadonovista: Retórica e Realidade**. Orientador: René Ernaini Gertz. 1994. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 1994.

LEITE, E.L.; FERREIRA, A.S.S.; BATISTA, J.R.M.; ESTRAMIANA, J.L.Á.; TORRES, A. R.R. Nacionalismo, Patriotismo e Essencialismo na Construção da Identidade Nacional Brasileira. **Trends Psychol.** v. 26 n. 4. Ribeirão Preto, 2018.

MARCHEL, M.L. **A participação da Força Expedicionária Brasileira na tomada de Monte Castelo.** Orientador: Carlos Roberto Peres. 2019. 31f. TCC (Graduação) – Ciências Militares, Academia Militar das Agulhas Negras, Resende. 2019. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmninnibpcajpcgclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=https%3A%2F%2Fbdex.eb.mil.br%2Fjspui%2Fbitstream%2F123456789%2F6317%2F1%2F6280.pdf.pdf&clen=1136917>. Acesso em: 5 out. 2021.

MASI, G.N.P. **Acervos pessoais e relíquias de uma guerra: A trajetória militar do ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira Solon Rodrigues D'Avila (1930-1945).** Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

MATTOS, G.M. **O Marechal Mascarenhas de Moraes e sua época.** Rio de Janeiro: Bibliex, 1983. v.1 e 2

MC INNIS, E. **História da II Guerra Mundial.** Porto Alegre: Livraria do Globo, 1949 Vol. 1 a 6.

MONTEIRO, M. **U-507. O Submarino que afundou o Brasil na Segunda Guerra Mundial.** Porto Alegre: Publicato, 2013.

MORAES, J.B.M. de. **Memórias.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984. v. 1 e 2

OLIVEIRA, C.F.P. A política externa do Governo Vargas durante o Estado Novo e a construção da Companhia Siderúrgica Nacional. **História e Cultura**, Franca, v. 4, n. 1, p. 5-21, mar. 2015.

PELLEGRINO FERES, C.de L. Amor em tempo de Guerra e a imigração de 58 esposas para o Brasil. **Revista del CESLA**, International Latin American Studies, 2018, 95-114.

PERROT, M. Práticas da Memória Feminina. **Rev. Bras. de Hist.** São Paulo, v. 9, n.18, p. 09-19, 1989.

POLLAK, M. **Memória e Identidade Social, Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.5 n.10. 1992. p. 200-212

RIBEIRO, P.da S. **Em luto e luta: construindo a memória da FEB / Patrícia da Silva Ribeiro.** Tese (Doutorado) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. FGV. 2013

SCOTT, J. **Gênero: Uma categoria útil de análise Histórica.** Educação e Realidade, UFRGS, 1995.

SZTOMPKA, P. **A sociologia da mudança social.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

THOMSON, A.; FRISCH, M.; HAMILTON, P. **Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais [1994].** In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína. Usos & abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 65-91.

WEINSTEIN, B. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. **Revista Eletrônica da Anphlac**, n. 14, p. 9-36, 2013.

Fontes

Associação Nacional de Veteranos da FEB de Porto Alegre. **ANFEB – Porto Alegre**, 2021. Site sintetizando os próceres e seus feitos. Disponível em: <https://febportoalegre.com.br/>. Acesso em: 11 abr. 2021.

EDIVAR2110. **Agnaldo Rayol.wmv – Mia Gioconda. Youtube**, 03 de outubro de 2011. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=s3cUgfkNBPE>. Acesso em: 23 ago. 2021.

NUNES, Raimundo Francisco Gutterres. Observações pessoais registradas em eventos com ex-pracinhas.

PROGRAMA SÍLVIO SANTOS. Em nome do Amor. Apresentado por Sílvio Santos, São Paulo, SBT, 26 nov. 1995. Entrevista com Iole Trédice, e João Pedro Paz. (acervo privado).

PROGRAMA TELEDOMINGO. Apresentado por Túlio Milman. Porto Alegre: RBS Televisão [2000].

REIS, Ana Claudia Camargo. **Crianças de Montese-Itália cantando a Canção do Expedicionário-2015! Parte 2! Bastidores na parte 1! Youtube**, 23 de março de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=O3RqIcWH8yg>. Acesso em: 23 ago. 2021.

ZHEIT. Web Page. Murilo Hubert, Juliana H. Hubert (Ed.). Curitiba (PR). Disponível em zheit.com.br/post/história-de-guerra-o-jipe. Acesso em: 23 ago. 2021.